

# Eventos em parceria

## *Péricles, príncipe de Tiro, e o cânone shakespeariano.*

### RESUMO:

*A tradução em versos decassílabos de Péricles, príncipe de Tiro, a primeira, mas não a mais conhecida, entre as peças da maturidade de William Shakespeare, os chamados “romances”, dá sequência às realizações do estudioso shakespeariano José Roberto O’Shea. No lançamento do livro, na Biblioteca Pública, em 11 de março de 2014, O’Shea abordou as possíveis razões para a não inclusão da peça no cânone dramático shakespeariano, estabelecido pelos organizadores do Primeiro folio de 1623, e sua relativa ausência das encenações modernas.*

### AUTOR:

*Mail Marques – Professora do Curso de Mestrado em Letras do Centro Universitário Uniandrade.*

O nome de família irlandês, O’Shea, não é comum neste Brasil de múltiplas ascendências, como não o é a escolha da forma portuguesa do prenome, símbolo da adoção irrestrita da brasilidade. José Roberto O’Shea refere sua origem ancestral à diáspora irlandesa, a saga dos *wild geese* que levantaram voo em direção à ilha de Manhattan, em meados do século XIX, de onde o avô, Timothy James O’Shea, transferiu-se para o Rio de Janeiro. A conjugação da afabilidade celto-brasileira ao conhecimento de pesquisador renomado encantaram a plateia reunida no auditório Paul Garfunkel para o lançamento da tradução anotada de Péricles, príncipe de Tiro.

A tradução de Péricles é parte do projeto que O’Shea desenvolve atualmente, com apoio do CNPq, sobre os textos menos estudados do cânone shakespeariano. Ausente da primeira edição das obras completas de Shakespeare, o primeiro folio de 1623, organizada por John Heminges e Henry Cordell, certamente por haver dúvidas sobre a autoria, a peça teve algumas edições em quarto entre 1609 e 1639, até ser incluída na segunda edição do folio de 1664. A partir do quarto folio, de 1685, passa a fazer parte regularmente das edições do cânone shakespeariano. A precariedade de registros sobre a peça em si obriga os pesquisadores a buscar informações sobre fontes, datas de publicação e encenação, bem como da recepção pela plateia de diversas épocas, os chamados “indícios externos”, não só em estudiosos mais ou menos próximos à era elisabetana, mas em documentos informais como a correspondência de atores e empresários,

além de comentários acerbos de dramaturgos contemporâneos sobre Shakespeare, um pássaro arrivista, “que se enfeita com penas alheias”. Adicionando-se a questão da autoria partilhada, tem-se o roteiro da palestra.

A história fabulosa do Rei Apolônio de Tiro, célebre romance da antiguidade clássica, de que existem inúmeras versões em latim, é a fonte original de Péricles. O autor da peça - Shakespeare + colaboradores? -, no entanto, parece ter recorrido de imediato, em busca de inspiração, à *Confessio Amantis* de John Gower, no trecho que trata do rei Apolônio de Tiro - *King Appolin of Tyre* -, e à tradução inglesa da *Historia Apolonii*, impressa em 1576. O caráter alegórico da *Confessio Amantis*, coletânea de contos datada de 1383, permanece evidente nas conclusões moralizantes da peça.

Péricles, príncipe de Tiro é o primeiro dos romances de Shakespeare - *A tempestade*, *Conto de inverno* e *Cimbeline*, rei da Bretanha - histórias fabulosas que exploram todo o *stock-in-trade* do conto de fadas: reis perversos, madrastas cruéis, seres estranhos, ajudantes mágicos, transformações fantásticas e sobrevivências milagrosas. Para Schlegel, trata-se de um trabalho da juventude do dramaturgo e as supostas imperfeições vêm das circunstâncias da composição da peça. Shakespeare trabalha com um romance infantil e extravagante do velho poeta John Gower e não quis arrancar o assunto de sua esfera

própria. Por esse motivo, introduz o próprio Gower como personagem e dá-lhe um prólogo escrito na versificação antiquada do poeta. Na função reservada ao coro no teatro grego, o venerando narrador põe a audiência a par dos antecedentes da ação. A tradução magistral de O’Shea transfere para o português a dicção poética do original: versos de oito sílabas, com rimas emparelhadas.

Pondo de lado a hipótese de uma peça da juventude do próprio Shakespeare, os estudos de O’Shea apontam na direção da autoria compartilhada da peça, escrita na chamada fase da maturidade, a que pertencem os romances. Diferenças marcantes de estilo, caracterização e estrutura entre os dois primeiros e os três últimos atos de Péricles indicam a presença de um colaborador, ou colaboradores, possivelmente William Rowley, Thomas Heywood ou John Day. Estudos posteriores descartam os dois primeiros em favor de George Wilkins, mas reforçam a tese da colaboração: a pobreza da fábula, a fraqueza da tragédia, a falta de unidade e de um personagem distintamente caracterizado - Marina nada mais é que um estereótipo da virtude feminina, que qualquer dramaturgo da época poderia ter delineado - não se coadunam com a técnica dramática shakespeariana. Por outro lado, certas passagens são escritas muito mais à maneira de Shakespeare do que á de qualquer outro dos dramaturgos isabelinos.

#### Enter Gower. Before the Palace of Antioch.

GOW. To sing a song that old was sung,  
From ashes ancient Gower is come;  
Assuming man’s infirmities,  
To glad your ear and please your eyes.

#### Cena 1 Entra Gower como Prólogo GOWER

Para cantar canção de outrora  
Das cinzas Gower surge agora,  
Feição mortal tendo assumido  
Para alegrar olho e ouvido.

Não há evidências de que a peça tivesse sido encenada antes de 1607 ou 1608, com exceção do breve memorando encontrado no guarda-roupa teatral de Edward Alleyn, o ator principal de *Admiral's Men*, sobre os “spangled hoes” para Péricles. É certo, porém, que a grandiosidade de uma encenação de Péricles impressionou profundamente o embaixador italiano em Londres que descreve, em carta de 1608, a beleza do som, da música, das tempestades e das reversões fantásticas. Deve-se, possivelmente, à teatralidade da peça, a escolha de Péricles, príncipe de Tiro, para a reabertura dos teatros, fechados durante o governo puritano de Cromwell, após a restauração dos Stuart no trono da Inglaterra. São sinais inegáveis do sucesso de público nos palcos ingleses, que se confirma em épocas posteriores.

É digna de nota a montagem da peça, em 1854, em Sadler's Wells, pelo empresário e ator Samuel Phelps, que rende tributo à cenografia de Péricles. O'Shea recorda que a riqueza do espetáculo atrai as plateias vitorianas do século XIX e destaca algumas singularidades das encenações modernas. Em 1958, Toni Richardson faz de Gower um cantor de calipso jamaicano e, em versão de 1989, no Swan Theatre, o velho poeta-narrador é transformado em um bardo galês.

Como ilustração da palestra, o grupo de teatro GRUTUN! do Unibrasil fez a leitura da cena 21 do 5º Ato de Péricles, o encontro entre Péricles e Marina, a filha que o herói julgava perdida para sempre, momento de grande tensão dramática, que marca o clímax do enredo. Os atores Alyson Chaves, André Farias, Bianka Kampos, Carlos Rocha, Fabiana Melatte, Gabriela Cogo Nickel, Gabriela Esmeraldino, Juliana Dalbosco, Leonardo Zagonel De Lara, Marcos Dias, Marieli Castioni, Melissa Buest, Nicole Tomacheski,

Paola Abreu, Wilza Carla Oliveira conseguiram ressaltar a intensidade poética da linguagem dos momentos finais da peça, que estudos analíticos de “indícios internos” consideram passíveis de equiparação ao estilo da fase final da carreira de Shakespeare.

Respondendo às perguntas da plateia sobre emprego do verso, convenções de cenário, e relação espaço-temporal, O'Shea acrescentou detalhes relevantes para a compreensão da peça e da obra shakespeariana como um todo. O tempo da ação, estabelecido por Gower, o narrador córico, inclui uma jornada épica pelo mundo antigo, como constituído depois da morte de Alexandre: a região do Mediterrâneo, Antioquia, Tiro, Tarso, Pentápolis, Éfeso, Mitilene, mas, na verdade, toda ligação é com a Londres de 1608 e seus conceitos sociais, políticos e metafísicos. Temas universais: o amor em várias formas – conjugal, filial, entre amigos; relações antitéticas – lealdade e deslealdade, encontros e desencontros – decorrentes da inveja e da ambição desmedidas, são tratados de acordo com um conceito caro ao público elisabetano, a roda da fortuna. Na conclusão da jornada trágica em que perde seus bens mais preciosos – esposa, filha e reino – o herói reconquista tudo, completando o ciclo de desencontros com o reencontro final, descrito por Gower:

**Em Péricles, na filha e na Rainha,  
Atacados p'la Fortuna mesquinha,  
A virtude venceu a cruel ruína,  
Quem a guia é o céu e a luz divina.**

A mensagem nuclear do teatro de Shakespeare, conclui O'Shea, é a importância do autoconhecimento, em contraste com o autoengano; é a descoberta da verdade, em contraste com o ato de escamotear a verdade. Este é o seu grande legado.